

# O Empreiteiro

José Leon Machado



Edições Vercial

## **Ficha Técnica**

Título: ***O Empreiteiro***

© Copyright José Leon Machado 1998, 2000, 2006.

Todos os direitos reservados.

1ª edição, Projecto Vercial, 1998.

2ª edição, Projecto Vercial, 2000.

3ª edição, Edições Vercial, Dezembro de 2006.

URL: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/evercial>

E-mail: [pvercial@iol.pt](mailto:pvercial@iol.pt)

**José Leon Machado**

# **O Empreiteiro**

Teatro

**Edições**

**Vercial**



## **O EMPREITEIRO**



## O EMPREITEIRO

Personagens:

ESTUDANTE: 21 anos, ar desportivo

EMPREITEIRO: 45 anos, fato e gravata

OPERÁRIO: 30 anos, fato macaco e picareta

Cenário: Pano de fundo com árvores pintadas a imitar uma floresta. Algumas plantas em vasos.

Iluminação: Luz clara durante todas as cenas. No final palco às escuras.

### ACTO ÚNICO

*(Abre o pano.)*

#### CENA I

*(Abre o pano. Palco vazio. Durante alguns momentos ouve-se o chilrear de pássaros em gravação áudio. Entra o Estudante correndo lentamente com fato de treino e sapatilhas. Pára, respira fundo e levanta os braços.)*

ESTUDANTE – *(Olhando à volta:)* Tudo isto é fantástico! Chego aqui e mudam-se-me logo as cores. *(Noutro tom:)* Eu tinha o sonho de vir a ser biólogo. Estudaria os animais, as plantas, as suas relações, o seu *habitat*. Talvez contribuisse para a sua maior preservação. Sinto pena de não ter seguido esse curso. Por necessidade, fui para Matemática, um dos poucos cursos onde ainda há vagas e a média não é alta. *(Senta-se no chão.)* Que paz!

Estou realmente num paraíso. Dá-me asco viver na cidade. O barulho ensurdecedor, o fumo das fábricas e dos automóveis, toda aquela gente pelas ruas a acotovelar-se... Fico tenso, com os nervos descontrolados. Aqui respiro livremente. Posso falar alto, até gritar. Na cidade chamar-me-iam louco, ou nem sequer seria ouvido. *(Pausa)* Esta paz é só minha! Ninguém me incomoda. O chilrear dos pássaros é magnífico!

## CENA II

*(Entra o Empreiteiro com o Operário atrás, ambos atarefados em medir.)*

EMPREITEIRO – *(Papéis debaixo do braço, fita métrica nas mãos, vai medindo:)* Ora, quinze metros e quarenta. *(Para o Operário:)* Podes marcar. *(O Operário bate com a picareta no chão.)*

ESTUDANTE – *(Levanta-se sobressaltado com o barulho.)*  
O que foi isto? *(Para o Empreiteiro:)* Quem são vocês?

EMPREITEIRO – Ah?! Desculpa, nem te vi, pá. Estava distraído. Mas não leves a mal.

ESTUDANTE – De maneira nenhuma. Continue a sua aplicação.

EMPREITEIRO – Ora sim... Aplicação? Que aplicação?

ESTUDANTE – Aplicação, ou trabalho.

EMPREITEIRO – Por acaso estás a mandar-me trabalhar?

ESTUDANTE – Não, por que pergunta?

*O Empreiteiro*

EMPREITEIRO – É que em mim ninguém manda.

ESTUDANTE – Eu aturo cada um!.... O senhor é um pouco estúpido, não é?

EMPREITEIRO – O Quê?! (*Lança os papéis ao chão e deita as mãos à cabeça gritando:*) Ai os meus nervos! Estúpido, eu?!

ESTUDANTE – Acalme-se. Não era minha intenção ofendê-lo. As minhas sinceras desculpas, Não precisa exaltar-se a ponto de arrancar os seus poucos cabelos. (*O Operário, silencioso, acalma o Empreiteiro.*)

EMPREITEIRO – Ui! (*Respira fundo.*) Foi um ataque de raiva. For vezes sofro ataques deste feitio. Tenho-os à flor da testa. (*Pausa*) Mas quem és tu?

ESTUDANTE – Um estudante empenhado na defesa da vida. E o senhor?

EMPREITEIRO – Eu sou Augusto Matoso, empreiteiro e mestre de obras, ao teu dispor.

ESTUDANTE – (*Desiludido:*) Só a mim!

EMPREITEIRO – Só a ti o quê?

ESTUDANTE – Só a mim é que haveria de aparecer um empreiteiro.

EMPREITEIRO – E há algum mal em ser empreiteiro? Por acaso não somos como as outras pessoas?

ESTUDANTE – São e não são.

EMPREITEIRO – Não percebo.

ESTUDANTE – Vocês, os empreiteiros, são iguais aos outros homens no físico. No modo de pensar e de encarar a vida não.

EMPREITEIRO – E daí? Cada cabeça sua sentença. Estaríamos muito mal se eu pensasse como tu.

ESTUDANTE – Antes pelo contrário. Se o senhor pensasse como eu, o mundo certamente teria outro rumo que não o da destruição.

EMPREITEIRO – Ora essa!... Porventura estás a querer insinuar que eu não passo de um destruidor? Deves estar maluco. Olha um destruidor, eu, que contribuo para a construção de um mundo mais confortável! Ó rapaz, vai ganhar juízo.

ESTUDANTE – As coisas não são bem como fala. Contribui para um mundo mais confortável, isso é verdade. Porém, o preço do conforto torna-se caro, muito caro para todos nós. E o preço é a destruição da natureza, o desequilíbrio ecológico. Eu sou obrigado a odiar aqueles que colaboram nesta destruição. E os principais são os empreiteiros.

EMPREITEIRO – Estás a arrelhar-me com essa treta. (*Irritado:*) Põe-te mas é daqui para fora antes que eu te ponha a língua no devido lugar!

ESTUDANTE – (*Atrapalhado:*) Acalme-se, acalme-se.

EMPREITEIRO – «Acalme-se» o raio! Fora dos meus terrenos!

ESTUDANTE – O senhor está a ser indecente.

*O Empreiteiro*

EMPREITEIRO – Eu? Então insultas-me e eu é que sou indecente? Fica sabendo que ainda tenho um pingo de vergonha na cara, seu desavergonhado!

ESTUDANTE – Acabemos com este alarido. O barulho e a confusão põem-me tenso. Fazem-me lembrar as manifestações anti-nucleares com a polícia a malhar nos manifestantes.

EMPREITEIRO – Quem começou fui eu, por acaso?

ESTUDANTE – Pronto, a culpa é minha. Não se fala mais no assunto.

EMPREITEIRO – Pois, não se fala mais. É ridículo. Os meus nervos...

ESTUDANTE – Terríveis, terríveis. (*Pausa*) Diga-me, que faz neste local isolado?

EMPREITEIRO – Que faço? Trabalho! E estás a fazer-me perder muito tempo com esta conversa.

ESTUDANTE – Alto lá! Só o senhor é responsável pelos seus actos. Se gasta mal o seu tempo, assim o quer.

EMPREITEIRO – Não digas mais disparates. Põe-te a andar daqui e deixa-nos trabalhar.

ESTUDANTE – Estou mesmo a caminho. Porém, a minha curiosidade é tal que gostaria de veras que ma satisfizesse.

EMPREITEIRO – (*Cruzando os braços:*) Desembucha.

ESTUDANTE – Queria simplesmente saber que projecto tem para estes terrenos.

EMPREITEIRO – (*Olhando para o chão:*) Com licença. (*Abaixa-se e apanha a fita métrica.*) Ui! Malditos bicos de papagaio. (*Pausa*) Sabes, eu vou construir aqui uma coisa em grande. Claro, não é para já. Primeiro necessito de medir os terrenos e fazer as marcações constantes do projecto.

ESTUDANTE – E para que fins se destina?

EMPREITEIRO – Pois não sabes? Vou contar-te, meu rapaz. (*Pausa*) Um abastado empresário ligado à indústria do papel resolveu montar uma nova fábrica. Como esta mata é rica em pinheiros e o terreno não é muito acidentado, pensou-se ser este o local certo para a nova fábrica. A construção foi entregue ao meu cuidado. Já pensaste? (*Dá palmadinhas de satisfação nas costas do Estudante.*) Eu, a construir uma fábrica? É o sonho da minha vida!

ESTUDANTE – (*Pensativo*) Agora entendo. E esses papéis devem ser os planos do edifício... (*Aponta para os papéis no chão.*)

EMPREITEIRO – (*Para o Operário:*) O rapaz é esperto!... Mas vamos apanhar tudo isto. (*Abaixa-se e apanha os papéis.*) Ui! Diabo de espinha! (*Põe a mão esquerda nas costas em sinal de dor.*) Estou a ficar velho, enferrujado como um camião que lá tenho.

ESTUDANTE – Precisa de fazer ginástica, correr por essas matas, respirar o oxigénio puro.

EMPREITEIRO – Só faltava mais esta: andar a correr por essas matas como um doido! Já me bastam as corridas para os escritórios e dos escritórios para as obras.

ESTUDANTE – Correr é dos melhores tratamentos para os que têm problemas de coluna e para os que sentem a idade a pesar. A ferrugem dos anos lubrifica-se com a ginástica.

*O Empreiteiro*

EMPREITEIRO – Lérias. O remédio mais eficaz para a ferrugem é a morte. Um camião quando não anda mais e o motor não aguenta uma subida, só tem um destino: sucata com ele.

ESTUDANTE – Vejo que os nossos pontos de vista não coincidem. E não adianta argumentar. (*Pausa*) Quanto à fábrica que o senhor vai construir neste local tão agradável, pensou bem no que vai fazer?

EMPREITEIRO – Está tudo nestes papéis. Tudo projectado, tudo calculado.

ESTUDANTE – Não me refiro ao projecto em si. Refiro-me aos terrenos onde será implantado. As árvores que o senhor vê, a paz que se respira aqui desaparecerão. Não ficará mais do que cimento e fumo.

EMPREITEIRO – E depois? Os pinheiros, além da madeira –fraca, pelos vistos –, não servem para mais nada.

ESTUDANTE – Não servem para mais nada? Como ousa dizer tal disparate?

EMPREITEIRO – Que disparate, podes-me explicar?

ESTUDANTE – O disparate foi o senhor afirmar que os pinheiros só servem para madeira. Ora, as árvores são a fonte do oxigénio que respiramos. Sem elas não se respira ar puro e sem ar puro não há saúde. É necessário defender o ambiente. Eu, pessoalmente, sinto uma paz enorme quando olho as plantas, as flores, um pássaro, um coelho... O senhor nunca sentiu?

EMPREITEIRO – O quê? (*Ar de gozo.*) Tu não sabes mesmo o que dizes. Onde já se viu um homem com pêlo na venta a gostar de flores! Não serás por acaso... (*Faz um gesto efeminado.*)

Estás-me a entender. (*Para o Operário que não reage, sempre estático com a picareta na mão:*) Não é, ó Pereira?

ESTUDANTE – (*Fazendo-se de desentendido:*) Se nós não gostássemos da natureza, quem haveria de gostar? Eu luto por uma causa, que é a causa da vida. Já fiz marchas da paz na capital com muitos outros milhares de jovens. Nós lutamos! O senhor é um destruidor. Tem um coração de pedra. Não sente, não pensa, age maquinalmente. Onde irá parar a humanidade? Se destruírem todas as florestas e todos os campos, de que vamos nós viver? De cimento, de calhaus?

EMPREITEIRO – A mim pouco me importa. Posso dinheiro suficiente para gozar o resto dos meus anos se eu quiser deixar de construir. Isso é o que importa. E a humanidade que se lixe!

ESTUDANTE – (*Falando para si próprio:*) Não adianta. Já é tarde. O homem destrói e acha que faz bem. O ter cada vez mais perturbou-lhe a razão. (*Pausa. Voltando-se para o Empreiteiro:*) O senhor sabe o que é um ecologista?

EMPREITEIRO – É o secretário de algum economista?

ESTUDANTE – Não, um ecologista sou eu.

EMPREITEIRO – Já estou a ver o que é. Mas ouve lá, ó ecologista, deixa-te de ideais. Aterra. Imagina: Se não se cortam as árvores, não haverá madeira para fabricar as mobílias de que necessitas lá em casa nem papel para escrever. Não me vais dizer que dormes debaixo de algum pinheiro! Ou que os folhetos que distribuis na rua para defender o ambiente são feitos de ar!

ESTUDANTE – A minha casa é o mundo.

*O Empreiteiro*

EMPREITEIRO – Eu já te disse para deixares os idealismos. Vives numa casa, não vives?

ESTUDANTE – Estritamente falando, vivo.

EMPREITEIRO – Estritamente falando! Tens de reconhecer que as casas são mais necessárias do que as árvores. Chamas belo a isto. E eu só vejo verdadeira beleza num prédio bem construído, porque saiu da mão do homem, é a sua obra. Isto não. Isto ninguém fez. Nasceu assim.

ESTUDANTE – Não posso concordar consigo. As casas são necessárias; as árvores também. O problema é que, se o homem destrói todas as árvores, o mundo será um deserto.

EMPREITEIRO – Ó rapaz, tu pegas-lhe por uma perspectiva errada.

ESTUDANTE – Espere! O senhor gosta de comer fruta?

EMPREITEIRO – Se gosto de comer fruta? Claro. Quem não gosta?

ESTUDANTE – Aí está. Se destrói as árvores, não poderá mais deliciar-se com ela!

EMPREITEIRO – Mas eu não como as pinhas dos pinheiros nem as bolotas dos carvalhos. A não ser que tu te delicies com isso.

ESTUDANTE – Bem, o que eu quero dizer é que, se construírem aqui a tal fábrica, toda a beleza, toda a paz existentes desaparecerão. E para mais uma fábrica de celulose, que contamina o ar que respiramos. Sabe por ventura o que é a poluição?

EMPREITEIRO – Tenho uma vaga ideia.

ESTUDANTE – Poluição é o fumo que intoxica os pulmões, o lixo que traz a peste e os ratos; o barulho ensurdecedor; as cidades a crescerem por todos os lados; a areia que lhe meteram a si na cabeça....

EMPREITEIRO – Olha, rapaz, vai dar a tua corridinha e não voltes a incomodar-me com filosofias que não enchem a barriga. Tenho muito que fazer. Em vez de andares por aí a defender teorias bonitas e tolas, arranja um emprego e pensa na vida. Faz o que eu te digo e serás feliz. Vamos, Pereira! (*Sai.*)

OPERÁRIO – (*Para a plateia:*) São os dois malucos. (*Sai.*)

### CENA III

ESTUDANTE – (*Só, senta-se no chão com as mãos no rosto. Ergue a cabeça e fala soturnamente.*) Que acontecerá ao homem? Que acontecerá à vida? Este empreiteiro não sabe o mal que pode fazer. Só pensa no lucro. Não vê a beleza de uma flor, é incapaz de sentir a frescura de uma sombra no Verão, de escutar o chilrear de um pássaro. Endureceu face aos negócios rendosos. (*Pausa*) Esta beleza, esta paz, serão substituídas por uma fábrica de papel. (*Suspira.*) Ninguém compreende que é tão grave o crime de matar um homem como o de destruir uma única árvore?

(*Palco às escuras. Cai o pano.*)

Peça escrita em 1981; corrigida e aumentada em 1987; revista em 1998.

## **AMOR À MODERNA**



## AMOR À MODERNA

### ACTO ÚNICO, CENA ÚNICA

Personagens:

TÂNIA: 15 a 18 anos, de calças muito justas

LILA: 15 a 18 anos, de mini-saia

TÓ: 16 a 20 anos, cabelo pintado e roupa espampanante

Cenário: uma mesa de café, quatro cadeiras, garrafas e copos.

*(Abre o pano com duas miúdas sentadas numa esplanada de café. Entra um jovem de gravador aos ombros a tocar uma música da pesada. Senta-se e poisa na mesa o aparelho.)*

TÂNIA – Desliga-me essa coisa, pá.

TÓ – *(Pondo a mão no ouvido:)* O quê?

TÂNIA – *(Gritando:)* Desliga a música.

TÓ – *(Desligando o aparelho:)* Que estás para aí a dizer? Não ouvi nada.

TÂNIA – Era para desligares a música.

TÓ – Mas então obrigas-me a desligar a música para me dizeres que querias que eu desligasse a música?

TÂNIA – *(Para a Lila:)* Este tipo passa-se dos carretos.

LILA – É da música. Afectou-lhe o sistema.

TÓ – Qual sistema?

LILA – O nervoso. Tu passas-te, percebes?

TÓ – Estás enganada. Há meses que não me pico. Deixei-me disso. Os meus velhotes meteram-me numa clínica de desintoxicação.

TÂNIA – Mas que não resultou grande coisa. Continuas maluquinho de todo.

TÓ – Pois. Afectou-me o cérebro. Um médico até me disse que eu sou um assassino em potência.

TÂNIA – Assassino em quê?

TÓ – Em potência, ora essa! (*Segurando no punho:*) Ele deveria querer dizer que eu sou potente.

LILA – (*Ingénua*) Potente como?

TÓ – Como? A engatar garinas.

TÂNIA – Então és um macho irresistível.

TÓ – Ah, pois! Queres experimentar? (*Põe a mão no ombro da Tânia.*)

TÂNIA – Tira a mãozinha daí!

TÓ – Eu a fazer-lhe carinhos e ela a dar-me pra trás!

TÂNIA – Dispenso bem os teus carinhos.

*O Empreiteiro*

TÓ – Vá, dá-me um beijo.

TÂNIA – Desata, meu! (*Para a Lila:*) Este tipo não descola?

LILA – Deixa a minha amiga em paz.

TÓ – (*Levanta-se e senta-se junto da Lila.*) Ó querida, tás a defender aqui a tua amiguinha? Pareceis muito íntimas. Sois namoradas?

TÂNIA – Que te importa?

TÓ – Eu logo vi. É o amor à moderna. Mas eu chego prás duas. É só pedirem. Sou a máxima potência, como diz o meu médico, que é um tipo porreiro. O outro dia fui a uma consulta e apanhei-o a snifar sentado à secretária. Ena pá, que grande pedrada! O meu médico é um gajo porreiro, sim senhor. Até me ofereceu, imaginem! Eu, como estava em recuperação, não aceitei.

TÂNIA e LILA – (*Entreolham-se e apontam para a cabeça.*)

TÂNIA – Mas diz-me cá: Que fazes tu?

TÓ – Eu? Estou de férias.

LILA – Em Fevereiro?

TÓ – Estou de férias desde que os profes me puseram a andar da escola.

LILA – Foste expulso?

TÓ – Quase. Eu conto. Um dia ia eu a subir as escadas pró pavilhão B com uma colega de turma, a Tita. E vai daí tropeço num degrau, agarro-me à mini-saia da Tita para não cair e, sem saber como, fico com a mini-saia na mão e a Tita em pêlo. Naquele dia tinha-se esquecido das cuecas em casa.

LILA – Que disparate!

TÓ – Juro que foi verdade! Os profes disseram-me que eu é que tive culpa, que fiz de propósito e puseram-me de castigo. É por isso que ainda agora estou de férias. E eu que curtia a Tita! Ela é que não me ligava nenhuma.

TÂNIA – Não gostava de ti?

TÓ – Andava feita cadela atrás de um tipo que tinha uma moto.

LILA – (*Interessada*) De que marca?

TÓ – (*Para o público:*) Olha outra! As mulheres são todas iguais. Vêem um gajo de moto e ficam logo com cio.

TÂNIA – Que dizes?

TÓ – A moto, pois. A moto era uma Kawazaki.

LILA – Quem me dera ter um namorado com uma!

TÓ – (*Para o público:*) Eu não disse?

TÂNIA – Mas então a Tita gostava de outro?

TÓ – É verdade. (*Apontando para a cabeça:*) Pôs-me bem os respectivos. Alguém tem um cigarro?

*O Empreiteiro*

TÂNIA – Não fumamos em público.

TÓ – Só na casa-de-banho. E depois mastigam uma chiclete prá mamã em casa não desconfiar. Não é verdade?

LILA – Este rapaz é mesmo passado!

TÓ – Por ti, miúda. Sabes que és uma beleza? Davas para boneca de montra. Se deixasses, dava-te um beijo num sítio que eu cá sei.

LILA – Onde?

TÓ – Na palma do pé esquerdo. Dizem que é muito excitante.

LILA – *(Para a Tânia:)* É mesmo maluco.

TÓ – Por ti. A tua beleza põe-me doido, filha.

TÂNIA – E então a minha?

TÓ – *(Levanta-se e vai para junto da Tânia:)* A tua... Ah! A tua beleza ainda me põe mais louco. És a minha Claudia Shiffer.

TÂNIA – Que elogios! Até fico vermelha.

LILA – *(Invejosa)* Então estás a querer dizer que a minha amiga é mais bonita do que eu?

TÂNIA – *(Para a Lila:)* E não sou, por acaso?

LILA – *(Erguendo-se e dando uma volta no palco como fazem as modelos:)* Não sei em quê. Olhem para mim!

TÂNIA – (*Ofendida*) Que traste! A vaca da minha tia tem cornos mais enfeitados do que tu.

LILA – (*Parando*.) Estás-me a ofender. Se eu sou mais feia do que a vaca da tua tia, então tu sabes o que és? És mais fedorenta do que o estrume que faz a vaca da tua tia.

TÂNIA – Ah! sua deslambida! Vais comer pela medida grande!

(*Penduram-se uma na outra, puxando-se os cabelos, aos gritos e insultando-se com palavras como vaca, trambolho, cadela, estrupício, etc.*)

TÓ – (*Observando as duas*.) Parem lá com isso! (*Tenta separá-las, mas as raparigas continuam a agredir-se gritando.*) Parem, já disse! Ouviram? Afinal são as duas bonitas. (*Consegue separá-las uma para cada ponta do palco.*) Ambas são como o sol! (*Puxa-as para si e abraça-as, uma de cada lado.*) Pode lá isto ser! As duas amiguinhas à bulha para ver quem é a mais bonita! São ambas belas, pois claro que são. Eu, cá para mim, não tenho preferências: fico com as duas. Vamos mas é curtir!

(*O Tó pega no gravador, liga a música e põe-no às costas. Dá duas voltas no palco ao ritmo da música com as duas raparigas agarradas a ele e saem os três muito contentes.*)

(*Cai o pano.*)

Peça escrita em Novembro de 1997. Foi representada em Chaves em Fevereiro de 1998.